

Nova paisagem religiosa

O Observatório de Sexualidade e Política está elaborando uma série de análises que podem favorecer o melhor entendimento sobre as motivações e efeitos negativos potenciais da visita do papa Bento XVI ao Brasil. O CLAM publica hoje o primeiro artigo, o qual examina a nova paisagem religiosa, uma realidade que certamente constitui uma das motivações da visita.

Nova paisagem religiosa

por Washington Castilhos

O sociólogo Flávio Pierucci, da Universidade de São Paulo (USP), disse certa vez que ser católico no Brasil é seguir a maioria. “As pessoas já nascem católicas. O catolicismo não é uma religião de escolha. Assim como o luteranismo na Suécia, ser católico faz parte da paisagem”. Porém, quando o Papa Bento XVI chegar ao Brasil, vai encontrar uma “paisagem” diferente da que encontrou seu antecessor, João Paulo II, em sua última visita, em 1997. Mesmo o Brasil sendo ainda considerado o maior país católico do mundo – embora o Estado brasileiro tenha deixado de ser católico no século dezenove, com o fim do Império - os resultados dos últimos recenseamentos demográficos realizados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) mostram um crescimento dos evangélicos e das pessoas que se declaram sem religião – segundo esses dados, a Igreja Católica perdeu em uma década quase dez pontos percentuais em seu rebanho: de 83% em 1991 para 73% em 2000. Muitos apontam este fato como a principal razão da visita de Bento XVI ao país neste momento.

Segundo especialistas, para além da perda de fiéis da Igreja Católica, o que deve ser observado é a intensa mobilidade religiosa observada no país. Uma pesquisa de 2004 do Ceris (Centro de Estatística Religiosa e Investigação Social) sobre trânsito religioso mostra que 23% dos entrevistados mudaram de religião nas últimas duas décadas. (fonte: livro *Mudança de religião: desvendando sentidos e motivações no Brasil*, ed. Palavra e Prece)

“Devemos considerar que a maior parte desses entrevistados era da Igreja Católica. Essa mobilidade religiosa é algo que nunca tivemos no Brasil. Antigamente, a pessoa podia se dizer católica e freqüentar a umbanda. Mas quando se faz um questionário e as pessoas assumem que mudaram de religião, significa que elas estão dizendo que estão rompendo com a instituição e mudanças em termos de construção de identidade estão ocorrendo. O que percebemos hoje em dia é um número crescente de pessoas experimentando outras formas de expressão religiosa e de vida comunitária”, avalia a socióloga Maria das Dores Machado, professora da Escola de Serviço Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Não é exatamente o crescimento das igrejas evangélicas (fenômeno que vem ocorrendo há 50 anos, tendo sofrido uma aceleração nas três últimas décadas) o que mais preocupa o Vaticano, mesmo porque, segundo os dados do IBGE, o número de pessoas que se declaram católicas também cresceu – passou de 122 milhões em 1991 para 125 milhões em 2000. Este aumento de 3 milhões de seguidores em uma década pode ser considerado significativo no atual mercado religioso brasileiro, tendo em vista que, em 2000, a Igreja Batista, por exemplo, não reunia esse número de fiéis em seus cultos.

Entretanto, O que tem chamado a atenção da hierarquia católica é o fato de o crescimento do número de seus adeptos se mostrar mais lento do que o

crescimento da população total do país – de 1970 a 2000, a taxa de crescimento médio anual dos católicos foi de 1,3%, enquanto o da população total atingiu 2%. (fonte: Atlas da filiação religiosa e indicadores sociais no Brasil, Ed. Loyola)

“Há 40 anos as católicas desobedecem um preceito do Vaticano: a pílula”

A preocupação é que tal diminuição no ritmo de crescimento do número de católicos possa acarretar uma perda da influência da Igreja Católica no país, se essa tendência continuar nos próximos anos. Na verdade, a religião perdeu ao longo dos anos esferas de influência no comportamento das pessoas. Certamente, uma outra questão a ser enfrentada pela Igreja Católica hoje em dia é o fato de nos últimos anos ter crescido muito a visão crítica dos fiéis com relação às instituições, como resultado dos avanços tecnológicos e do maior acesso à educação e à informação. Os católicos querem cada vez mais autonomia em relação a assuntos de foro íntimo, como casamento, métodos contraceptivos e orientação sexual, temas que o Vaticano tenta manter sob o controle de suas rígidas tradições.

“Percebo que a capacidade da Igreja Católica de convencer seus fiéis de seus dogmas é muito reduzida hoje em dia. A autonomia das pessoas frente às instituições religiosas está se ampliando. O aumento da escolaridade e do conhecimento amplia a capacidade de os sujeitos sociais assumirem posturas mais críticas em relação à instituição. Quando o papa diz que ‘o segundo casamento é uma praga’, as pessoas, mesmo sendo católicas fervorosas, olham essa observação como sendo um discurso absurdo, fora de propósito”, ressalta Maria das Dores.

Este hiato entre doutrina e conduta sempre existiu, segundo Flávio Pierucci. “Isto tem a ver com o avanço dos conhecimentos de um modo geral. Veja as questões do uso de preservativos. Por mais que a religião se coloque contra, quem dá a informação fundamental é a categoria médica. Numa outra questão há a demanda por uma informação jurídica, como é o caso do divórcio, também condenado pelo Papa. O fato de ser proibido por uma religião faz com que as pessoas ouçam outras fontes. Há um processo crescente de alfabetização, mas também de medicalização. A esfera sexual deixou de ser esfera do pecado para ser esfera da saúde. E a Igreja quer recuperar uma esfera de poder que já pertenceu a ela”, avalia Pierucci.

Um exemplo, segundo o sociólogo, diz respeito ao número de pessoas infectadas pelo vírus HIV no Brasil que, segundo previsões estatísticas da última década, seria mais alto do que hoje se vê. E isso é consequência direta do uso do preservativo nas relações sexuais, como comprovam as pesquisas. “Se a população é católica e os índices de Aids não são tão altos o quanto se previa, então é porque as pessoas estão ouvindo os médicos, a despeito dos diretrizes religiosas”, diz o sociólogo.

Pierucci também lembra que o uso do preservativo não é o único sinal de que a Igreja vem perdendo espaço. “O Vaticano foi contra a pílula anticoncepcional nos anos 60, quando o método surgiu. Mas as mães católicas usaram e continuam usando nesses quarenta anos. Elas não vão ficar seguindo o conselho do Papa enquanto os médicos dizem ser esta uma maneira de evitar uma gravidez que está fora dos planos”, salienta.

“Quando ampliamos o conhecimento e os recursos cognitivos das pessoas, estamos criando novos desafios para a instituição religiosa. O divórcio, por exemplo, é um dos desses desafios. O problema é que a Igreja rechaça, não negocia. Este tipo de discurso mais conservador da Igreja a respeito do divórcio, do aborto e da homossexualidade é algo que está fora de seu tempo. Mas, quando se aumenta a educação se tem uma forma mais liberal de pensar uma série de questões. Isto permite também separar doutrina e conduta pessoal. Você pode se filiar a uma

instituição religiosa e fazer aborto ou ser homossexual, mesmo sendo isto um dogma", conclui Maria das Dores.

Além da mobilidade religiosa, mudanças sócio-políticas também vêm ocorrendo desde a última visita de um papa ao Brasil. A mudança no nível de escolaridade tem ampliado a percepção das mulheres com relação ao seu papel na sociedade ao mesmo tempo em que o país avançou no debate em torno dos direitos sexuais e reprodutivos nas esferas política e jurídica.

"Avançamos, mas a Igreja Católica continua com a mesma posição. O Papa vem na verdade reforçar a posição do Vaticano. Mas devemos lembrar que, se por um lado temos um debate mais estimulado na esfera pública, temos também posições mais conservadoras na Igreja Católica. Historicamente a Igreja Católica nunca tinha desenvolvido estratégias como as usadas contra a Jandira Feghali [candidata ao Senado nas eleições de 2006], mandando torpedos para que os eleitores não votassem nela por ela defender a descriminalização do aborto. Se por um lado tivemos avanços, por outro temos o recrudescimento do conservadorismo e do fundamentalismo da Igreja Católica", avalia Maria das Dores.

Santa oportunidade

Fatores como o crescimento no número de religiões evangélicas, uma maior mobilidade religiosa e o aumento no nível de escolaridade da população fazem com que a disputa atualmente no mercado religioso brasileiro não se coloque mais em termos de número de fiéis e sim, sobretudo, em termos de marcar presença na sociedade. O antropólogo Emerson Giumbelli, do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro, acredita que, em relação aos evangélicos, a Igreja Católica já não age na chave de uma estratégia defensiva. "Ao contrário, ao longo dos anos ela acabou incorporando algumas características das outras igrejas, como demonstra a consolidação dos movimentos carismáticos. A visita do Papa, que acompanha a canonização de Frei Galvão, o primeiro santo brasileiro, pode ser vista por esse ângulo. Trata-se de marcar presença através de manifestações públicas e massivas que apontem para a importância do catolicismo na sociedade", afirma Giumbelli.

Neste sentido, acreditam os especialistas, a canonização do frei é extremamente oportuna. Significa uma reação católica para tentar barrar o crescimento dos evangélicos e promover uma retomada dos vínculos com o universo católico. "Quando a Igreja Católica lança medalhinhas com o rosto do papa para serem vendidas, ela está trabalhando em cima de uma demanda que existe e que vai de certa forma aumentar um vínculo religioso. No caso da canonização de Frei Galvão, por exemplo, ela está criando um fato novo que provavelmente vai gerar romarias, estimular um turismo religioso e possibilitar a venda de produtos. Neste caso, não é somente o lado mercadológico que está em jogo, mas a mobilização de emoções e sentimentos. Com isto, se está mobilizando pessoas a comprarem a medalhinha, a irem ver o papa e a comprar a pílula do Frei Galvão", analisa a socióloga Maria das Dores Machado.

Religião e sexualidade

Em maio, Ratzinger vai também se deparar com um movimento, ainda que embrionário, de religiões inclusivas na paisagem religiosa brasileira. "O movimento está se consolidando mais, através de um discurso que retira a homossexualidade do rol de pecados e formula um discurso positivo sobre as pessoas LGBT", afirma o antropólogo Marcelo Natividade, do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Há três anos, Natividade vem etnografando

novos movimentos religiosos – entre eles o das igrejas com propostas inclusivas – como parte da pesquisa “Sexualidade e experiência religiosa: paradoxos da construção de si na contemporaneidade”.

O movimento surgiu no país na década de 1990, quando o pastor Nehemias Marien, da Igreja Presbiteriana Unida Bethesda, passou a permitir que homossexuais frequentassem os cultos. Por seu posicionamento público favorável aos homossexuais, o pastor foi alvo dos religiosos de vertentes cristãs. Em 2003 surgiu a Igreja da Comunidade Metropolitana, abrindo caminho para outras instituições religiosas direcionadas à população LGBT.

“Essas igrejas trazem de novo o fato de pensar que um culto cristão pode ser conduzido por uma pessoa assumidamente gay ou lésbica, ou frequentado por ela sem se exigir que mude sua orientação sexual, o que era impensável há 10 anos, quando apenas os cultos afro-brasileiros eram mais tolerantes e abrigavam os homossexuais. Hoje vemos um movimento de expansão em relação a essa questão. Grande parte dessas pessoas veio de igrejas pentecostais e agora elas percebem que podem conciliar a experiência religiosa com a sua orientação sexual. Antes viviam em conflito, escondendo sua identidade no ambiente religioso”, observa Natividade.

Segundo ele, algumas pesquisas mostram que há uma tendência dos homossexuais a abandonarem a religião de origem para cultos afro-brasileiros, o que pode ser relacionado ao caráter excludente das religiões cristãs.

O Vaticano vem imprimindo uma política de retomada do conservadorismo desde os anos 1980. Nestas duas últimas décadas, João Paulo II vinha substituindo os bispos e arcebispos no Brasil. Para cada progressista que se retirava ou se aposentava da frente de uma arquidiocese, ele nomeava um mais conservador. A visita de Bento XVI vem reforçar essa posição.